

PORTO ALEGRE, 13 DE FEVEREIRO DE 1881

REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

Anno I

ASSIGNATURA

Num. 2

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÓRA DA CAPITAL: Anno 10\$000

O CHARLATANISMO

Isso a que dão o nome de charlatanismo ou *pomada*, termo actualmente bem usado, tomou taes proporções, que não poucas vezes entibia o brilho do verdadeiro merito.

E' vidro tão habilmente trabalhado, que põe o proprio lapidario confuso em differença-o do carvão crystalisado.

E não se diga que é posto em pratica por este ou aquelle cavalheiro de industrias, desejoso de passar sua avariada fazenda aos compradores incautos.

Não; elle agora tem uma acentuação mais grave, uns toques de sisudez; passou por suas transições; é perfeitamente refinado.

E muito prestavel se torna mesmo á alta sociedade para desembaraçal-a das accidentaes difficuldades em que todos mais ou menos tropeção.

Ja não é o reclame feito nas praças á gente ignorante: é a boa conversação entretida nos melhores salões, é o discurso pronunciado do alto das tribunas do parlamento.

Tambem aqui viemos antes render preitos do que atirar-lhe uma censura.

O charlatanismo ja ultrapassou a moda, tornou-se habito.

Se bem que o seu fim seja falsear a verdade e velar os vexames que esta por ventura trouxesse á luz, não se póde dizer que não tenha sua naturalidade, ou antes que muito approximadamente se assemelhe com ella.

E hoje em dia mal daquelle orgulhoso que fiado em dotes naturaes desagregar-se do grupo, na esperança de firmar creditos e consolidar o futuro de sua carreira.

Esse passará isolado; todos louvarão o bom desempenho de suas acções; a segurança de seus passos; a abundancia e belleza de suas idéas; a coherencia de seu regular procedimento; mas dirão afinal de contas,—coitado, dorme a somno solto: é um somnambulo.

Parece até que os proprios pais ja incluirão no doutrinario que ensinão aos filhos a adopção desse systema.

Não ha muito um Sr. doutor, cujo nome o leitor nos dispensará de declarar aqui, recomendava certo cliente que o procurou a um seu filho dizendo: meu filho é especialista neste negocio, confie-se a elle, eu o mandarei la.

No entanto, palavra de honra, que o filho desse Sr. doutor não passa de um pomadista, o que mede com as pernas a extensão das ruas da cidade.

Da mesma fórma ouvimos em certa roda de conversação um menino estudante dar seu parecer n'um assumpto grave, resumindo em phrase sentenciosa sua maneira de pensar a respeito da these.

Todos o escutarão com respeito e seguio-se depois ligeira pausa.

Provavelmente esse pasmo foi o resultado da admiração causada pelo menino, tão novo e com idéas ja tão amadurecidas.

Mas alguém ahi se achava que desconfiou muito da proeza dessa criança.

Pois bem, ainda não havia decorrido longa data, e um jornal, transcrevendo maxims de grandes homens, dava entre ellas uma textualmente igual áquella proferida pelo estudante.

Não é de balde que citamos o facto ainda que passado com um menino.

Primeiro por querermos mostrar as proporções que tem tomado o charlatanismo ainda com

aquelles que por sua idade devião ser estranhos a semelhante arteficio; segundo porque o talento desse estudante tornou-se notavel e nossa imprensa ja lhe tem tecido bem lisongeiros elogios.

Se nos quizessemos deter aqui contaríamos do mesmo mais alguma cousa interessante, mas não somos palmatoria do mundo e so nos veio isso á memoria, de passagem.

Achamos simplesmente estranho que a criança encete seus primeiros passos de uma maneira tão falsa.

Mas que querem, isto ja faz parte da boa educação; e um dos mais acreditados collegios do Brazil tem por base inicial-o em seus pequenos alumnos, sendo esta a fórma pela qual angariou tão notavel nomeada.

Desculpem-nos a franqueza: é o — Collegio Abilio —.

Ali vai gente de alta cõrte pasmar em frente dos meninos sabios.

O alumno arguido dissertará sobre qualquer sciencia; mas a arguição é feita com pontos de algibeira, pois ninguem deixará de comprehender que a um menino de 8 ou 10 annos não se póde ensinar tão copiosamente.

E' que ouvem dos lentes historias scientificas da mesma maneira que ouvião das amas historias da Carochinha.

E' justo que se habitue o principiante a estender as vistas pelo terreno em que mais tarde terá de passar, porém isto unicamente com o fim de ir espancando a treva dos espiritos incultos.

Porém ali o objectivo é outro: é fazer crer que o menino tem abundancia de conhecimentos quando de facto as materias rudimentares talvez elle conheça menos do que o discipulo de outro qualquer collegio.

Afinal de contas sabe cantar em cõro umas modinhas; acostuma-se com os elogios de S. Magestade; gosta delles; sabe mais que sahirá um agente, empregado da casa, a repetir textualmente tal elogio a meio mundo; e esse menino, em resumo, depois de homem, não passará de um grande pomadista.

SILVA DE ALBUQUERQUE.

RECORDAÇÃO

A' minha saudosa e querida prima M. C. D. M.

Recordas-te, amiga, dos dias felizes
Que juntas amando-nos passamos ahi?
As flores bordadas em verdes matizes
Tambem seus amores repart'entre si.

Como ellas, vivia nossa alma enlevada
Nos doces affectos, que elevão-se a Deus,
Da santa amizade p'ra nós tão sagrada,
Orvalho tão puro que emana dos céus.

Como erão serenas as brisas que outr'ora
Nos vinhão das flores perfumes trazer,
Findando-se o dia raiava outra aurora,
Que novos encantos nos dava ao viver.

E á noite, surgindo no espaço tão pura
A lua faceira nos vinha trahir
No meio das fallas de tanta ventura,
Fazendo seus raios mais bellos fulgir.

Mas tudo findou-se. Parti te deixando,
Trazendo em minh'alma somente o pezar...
E hoje so quero, em meu peito te amando,
A doce e saudosa lembrança guardar.

CARLOTA DO AMARAL LISBOA.

1º de Dezembro de 1879.



O BIAUJO



I

- E Angela não dança?
- Não pode: tem prohibição expressa.
- De algum namorado egoista?
- Não; de seu medico. Pobre Angela! não tem namorado; o que tem é a sua molestia do coração, que de um dia para outro ha de matal-a. Não vês como é tão pallida? Sabe que ha de morrer moça, está bem certa disso, e é tão resignada, o anjo, que ás vezes tem animo ainda de sorrir-se entre a sua melancolia, com um sorriso apagado e triste... Como agora, — estás vendo?
- E que bonito rapaz aquelle que lhe mereceu o sorriso! Sabes quem é? Será parente della?
- Forão companheiros de infancia; é amigo

intimo da casa; até creio que este baile é dado a elle.

— No emtanto é a primeira vez que o vejo aqui!

— Não admira: ha muitos annos que viajava fora do Brazil; chegou hontem mesmo, ouvi dizer.

— Como se chama?

— Eugenio,...

— Ah! é o nome que eu sempre ouvia repetir aqui a toda hora, a proposito de tudo.

Conversava-se isto n'um baile, entre dois amigos, á janella de uma casa da praia de Icarahy, a mais formosa praia em que estende as suas ondas a magnifica bahia do Rio de Janeiro.

Si isto fosse um romance, estava eu obrigado a preparar uma entrada *de effeito* para o meu heroe, depois que o leitor ja estivesse mais ou menos interessado por elle e pela minha heroína, descripta desde a fronte soberana, digna de uma corôa, como se costuma dizer, até ao pézinho chinês, que podia reclamar o sapatinho da Borracheira, o que tambem se diz muitas vezes.

Mas como é apenas um conto singelo e desprezencioso, desde ja levo o leitor á presença do meu joven par, que ali está agora naquella outra janella da sala, n'um colloquio delicioso como so é possivel entre duas almas enamoradas e moças, que sempre dizem mais do que fallão.

— Ainda uma noite destas sonhei comtigo, que tinhas chegado...

— Olha, eu não creio muito em sonhos, Angela...

— Veio muito incredulo o senhor; pois pergunte a Julia, quando estiver com ella.

— Sim!... Julia, como está? ja quasi moça...

— E bonita, muito, a minha irmãzinha. Foi hontem para o collegio, na Côrte; so no principio do outro mez é que ha de vir.

— Sabes que sinto isso de veras?

— E eu tambem: queria muito que a visses; queria até...

Aqui, Angela, que fallava ao companheiro de infancia com a mesma desembaraçada intimidade do seu tempo de creança, expirou-lhe a voz, e abaixou os olhos, para occultar umas lagrimas que lhe crescerão rapidas.

— Dize, insistio elle affectuosamente.

— Queria tambem que a amasses. Olha, prometto que ella te ha de amar muito.

O moço ja não era o mesmo; descahirão-lhe

as feições n'uma expressão de acerba angustia; os labios, pouco antes inflorados do sorriso, tremiam agora a alma agitada; o olhar vivo e alegre que luzia-lhe francamente nos olhos negros, confrangeu-se sombrio.

— Não vê, Angela, que isso que me está dizendo é uma crueldade? As minhas cartas á sua mãe devião ter-lhe revelado que ia commigo uma saudade que me seguia por toda parte, como se fôra a sombra de minh'alma. Devia saber que eu levava no mais intimo do coração, longe da patria, pela terra estrangeira, uma imagem nunca esquecida, que era a sua...

— Sabia-o, sim. Deus t'o pague, Eugenio. Deus que ouvia o teu nome nas minhas orações de cada noite, e que via o teu retrato nas minhas scismas de todo dia. Oh! ninguem mais ha de amar-te assim! Mas, sabes? não quiz o destino que eu fosse tua; minh'alma ficará comtigo eternamente, pertence-te; mas este corpo ja meio morto, vou entregal-o ao noivo que me espera, ao noivo que é...

— Não digas!

— Que é o tumulto. Estou desenganada, estão contados os meus dias.

II

Era por tarde de um formosissimo dia de verão.

No jardim da casa de Angela, ao fim de uma extensa alameda de murta, quasi na aba do morro, havia um caramanchão vestido de hera e madre-silva, onde a moça costumava passar as horas da sesta, lendo ou bordando.

Depois que adoecera, ia para ali todas as tardes scismar as suas tristezas, com os olhos postos no céo, que se avistava pela janellinha aberta na parede de verdura.

Mas agora não estava so.

Sentado junto della, no banquinho rustico, Eugenio, que prendera nas suas as magras e alvas mãos da doente, dizia-lhe todas as meiguices do amor, tão sabidas ja, mas tão encantadoras ainda.

A cabeça loura de Angela inclinava-se para elle, attrahida, fascinada, e pouco e pouco descahia-lhe no hombro, como flor mimosa que enlanguece aos ardores do meio dia.

Por fim unirão-se as duas bocas n'um beijo longo, soffrego, insaciavel, — o primeiro beijo.

Subito, a moça furtou os labios á caricia do amante, e erigindo a fronte com um gesto de rai-

nha, e apertando-lhe vivamente as mãos, cravou nelle os olhos azues, magnificos, radiantes de toda a paixão que os incendia :

— Não beijes nunca outra mulher ! nunca ! ouviste ? nunca ! Jura ! has de jurar !

— Juro-o por Deus, por ti, Angela !

III

Si jamais houve dia de celeste ventura em vida de homem, forão os que se volverão para Eugenio naquelle encantado paraizo da praia de Icarahy.

Ou foi por virtude do amor, ou não sei pelo que foi, mas Angela recobrou alento e vida; rubescerão-lhe nas faces as rosas da saude, alegrarão-se-lhe os olhos, e outra vez desabrocharão sorrisos seus labios tentadores.

A carta é recurso ja muito ex, lorado em dramas e romances, não achão ? Pois ainda uma vez — e não será a ultima — vão ver para quanto presta uma carta.

Eugenio recebeu carta do pai chamando o a Pariz, para qualquer caso urgente, que eu deixo á phantasia dos leitores conjecturar a seu gosto.

Obedeceu; partio.

Imaginem que lacrimosa despedida não haveria na casa de Icarahy, que soluçados protestos; imaginem isso do melhor modo, que eu não os quero commover com a descripção de scenas tristes.

IV

Eugenio estava a um mez em Pariz, quando recebeu uma carta do Brazil,

Ainda uma carta !... O que querem ? Sem esta é que eu não podia absolutamente mover a acção da minha historia.

A carta dizia unicamente :

« Angela morreu esta manhã. Desde o dia da sua partida reapareceu a cruel enfermidade, que foi progredindo até matal-a. A ultima palavra que proferio foi o seu nome. Amava-o muito ! »

Quem escrevia era Julia, a irmã de Angela.

Eugenio quiz embarcar no primeiro vapor que sahisse para o Brazil; não consentio nisso o pai, que o mandou viajar á Italia, para distrahir as magoas.

O rapaz teve bastante coração para não se lembrar senão da sua querida morta, naquelles primeiros mezes; mas afinal... tinha tambem muito gosto, e a Italia é terra de maravilhas; resignou-se, consolou-se, esqueceu-se.

V

O Lyrico, da Côrte, estava em noite de enchente completa : era espectáculo de estréa de uma companhia italiana, ultimamente chegada.

N'um grupo de elegantes, descido o panno do primeiro acto, elogiavão-se os raros dotes da *prima-dona*, que era admiravel cantora e ainda mais admiravel formosura.

— E' a primeira voz que tem vindo ao Rio de Janeiro.

— E', sim, é um prodigio !

— Nem tanto ! reclamou um severo *dilettanti*. Como aquillo ha na Italia aos centos.

— Engana-se, meu senhor : da Italia venho eu, e venho por causa desta.

Quem havia de ser que se sahio com tamanho desplante ?

O nosso proprio Eugenio, o qual so se lembrou de voltar ao Brazil quando teve de acompanhar a linda cantora, por quem estava gravemente apaixonado.

Correndo distrahidamente o binoculo pelo constellado hemispherio dos camarotes, deu com um busto de moça que o fez estremecer.

Olhou muito, com insistencia, com impaciencia : lembrava-se vagamente de ja ter visto algum dia aquelle rosto, mas não era bem aquelle, mas não podia ser outro.

Afinal, não lhe soffrendo mais a curiosidade, perguntou a um amigo que lhe ficava ao lado :

— Sabes que moça é aquella que la está no... quarto camarote da segunda ?

— Oh ! pois ja não conheces a Julia...

— Sim ! a irmã de Angela ! bem me queri parecer... Mas está moça e bonita deveras !... Olhou agora para ca e sorriu-se... Quem sabe si me reconheceu ?... Eu, é porque não sei que familia é aquella com quem está; senão, ia ja comprimental-a. Mas é o mesmo : vou amanhã a Icarahy. Ainda morão la ? sabes ?

— Morão.

VI

Precipitemos os acontecimentos : vamos ja um mez adiante.

Dou-lhes partes de que Eugenio está apaixonadissimo por Julia, e ella por elle ao que parece.

Fallavão poucas vezes em Angela, e isso mesmo sem tristeza; Julia até, quando fallava, era quasi sempre sorrindo.

Era um demoninho de morena feiticeira a tal Julia; e via-se logo que estava muito empenhada em captivar o nosso Eugenio.

Uma noite, —noite de lua clara—, estavam os dois a janella, com as mãos dadas, a dizer phrases, ante o espectáculo que ali se tem, tão ideal, tão phantastico, tão magestosamente tranquillo, que mais parece a illusão de um sonho.

Os olhos negros de Julia coavão seducções irresistiveis; a boca levemente descerrada, entre-mostrando a humida alvura dos dentes, palpitava de voluptia.

Eugenio sentia a alma inteira oscillar-lhe entre os olhos e os labios della.

Beijou-lhe avidamente as mãos, e ja quasi tocava-lhe a face com a boca ambiciosa, quando a moça esquivou-se enrubescendo e sorrindo :

— Não !

— Julia !

— So se for um beijinho so, muito pequenino.

— Pois sim ?

— So se for á meia noite, hoje, no caramanchão do jardim.

Estas palavras foram proferidas com voz rapida, firme, surda, como Eugenio nunca ouvira.

— Vai ? perguntou-lhe tremulo.

— Vou ! disse-lhe a moça em voz sumida, mas tão perto da face, que sentio-lhe o calor do hálito.

Estendeu os braços para ella, mas ja nesse mesmo instante desaparecia pela porta da sala a cauda do seu vestido branco.

— Que mulher é esta, meu Deus ? pensou consigo, attonito.

VII

A lua estava a pino, o céu purissimo, o ar tranquillo, frio, pejado de aromas; a espaços esboava longamente, na noite silenciosa, o estropear das ondas na praia.

A porta do caramanchão, que abria para a alameda de murta, estava Eugenio, immovel.

Longe, no extremo da alea extensa, vio surgir e vir-se destacando uma branca appareição.

A principio, era apenas o alvejar de uma forma vagamente esboçada; pouco e pouco foi-se delineando completo um vulto de mulher.

Mas, ou fosse effeito da luz magica, ou fosse obra da exaltação em que estava, o certo é que Eugenio juraria que não era Julia a mulher que se approximava.

E seria mulher ? seria ente humano, real ?

Parecia-lhe que não andava, — resvalava, e sem deslocar-se-lhe uma linha so do porte marmoreo, hirto.

Approximou-se mais, mais, estava a dois passos d'elle.

Violento estremeção sacudio o corpo inteiro de Eugenio; ia soltar um grito agudo, mas apenas estertorou com voz estrangulada :

— Angela !

E cahio para traz, como fulminado.

Quem quer que era tinha chegado, precepi-tou-se para elle, ergueu-lhe a cabeça nos braços, encostou a face á sua face. Sentio-o gelado e rigido; estava morto.

Então vibrou no silencio da noite um grito pungente, dorido, penetrante, como de um coração que estalasse.

VIII

Nesta e ocha de espiritismo, bem podia acabar aqui a minha historia e era um fim admiravel, forte, colorido.

O mais que se vai seguir é chato e raso, porque é a realidade nua.

Logo que Eugenio embarcou para a Europa, ao chamado do pai, Angela, passadas as primeiras lagrimas, fez estas reflexões de muito senso e profunda philosophia :

— Quem me diz que este rapaz que mostra amar-me tanto, não é apenas um seductor vulgar ? O que é que me garante a sinceridade do seu amor ? Olhem como não desobedeceu ao pai por minha causa, e la se foi para tão longe ! Em todo o caso, com uma experiencia não ha nada a perder : faço chegar-lhe a noticia de que morri; se voltar logo ao Brazil, occultar-me-hei; mas o mais certo é que tão cedo não volte. E' dolorosa então a experiencia : passo muito tempo sem o ver. Não importa ! quero saber como sentiria, si eu tivesse realmente morrido... E si elle se suicida ? Suicido-me tambem. Mas naturalmente não hei ter necessidade disso. Se si mostrar fiel á minha memoria, se conservar por muito tempo o luto d'alma, desfazo a illusão, e com que amor hei de consolal-o ! Senão, se esquecer-me logo, se casar com outra, boa viagem ! não se perde nada.

Assentado o seu projecto de morte temporaria e apparente, tratou de o pôr em obra, com todas as precauções.

Ditou a carta que Julia escreveu.

Desde então, nunca mais deixou de ler nos jornaes a lista de passageiros entrados.

Afinal, depois de mais de um anno, leu o nome de Eugenio.

Esperou que elle viesse a Icarahy, onde tudo estava predisposto para o manter na illusão, em que sua mãe e sua irmã e todos os amigos da casa erão cúmplices.

Eugenio não appareceu; constou que andava na Côte, preso de amores por uma cantora com quem viera da Italia.

Angela doeu-se muito daquillo, mas não desanimou ainda: depois, entrou-lhe mais nos planos a idéa de vingança.

Julia teve a incumbencia de ir a todos os espectaculos do Lyrico, até que attrahisse Eugenio ás antigas relações de Icarahy.

Que bom exito surtío a astucia, ja o sabemos.

O namoro de Julia, que esta representava como boa irmã e boa namoradeira, que igualmente era, foi todo elle dirigido por Angela.

A misera via-se totalmente esquecida e de bom grado substituida pela irmã no coração de Eugenio.

— Pois sim, pensou comsigo, se Julia quizer, case-se com elle; eu, de mim, não prohibo, nem sinto.

Mas sentia, e muito: não se perdoa o esquecimento.

E o beijo, o seu primeiro beijo, que lhe dera aquella tarde, no caramanchão de hera e madre-silva!

— Não, disse comsigo, aquelle beijo, ao menos, elle m'o ha de pagar, e bem caro. Quero ver se tambem ja não se lembra do juramento que me deu, de nunca beijar outra mulher. Se si tiver esquecido, ai delle!

Ja vimos como Eugenio se tinha esquecido tambem disso, e como pagou tão caro — *ai delle!* — aquelle funesto beijo.

E agora, o fim? O que fez Angela quando vio que fora excessiva a vingança, e que, sem querer, matara o amante volúvel? O que fez? Deu aquelle grito que ouvirão. E depois? E Julia?

Julia nunca fez mais do que representar bem o seu papel. Por isso não teve muito que sentir.

E Angela? insiste a leitora impaciente.

Angela, minha senhora, a minha Angela, esteve a ponto de ser uma heroína de romance: quasi foi, aquella mesma noite, atirar-se ao mar,

do alto da penha da Itapuca. Mas não; consolou-se e morreu velha.

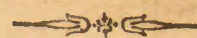
A culpa não é della, nem minha: é deste seculo, em que ja não se morre de amor.

E entretanto — oh! iniquidade! — foi por não ter morrido de amor que o pobre Eugenio teve afinal de morrer de susto.

LUCIO DE MENDONÇA.



Scena de familia



Em torno de uma mesa de charão,
Onde alguns figurinos se espalhavão,
Tres alegres donzellas conversavão,
Acerca das *toilettes* da estação.

Mais além, n'um dos ang'los do salão,
Dois velhos cavalheiros praticavão
Em assumptos que nelles despertavão
Acalorada e forte discussão.

A luz do candieiro brandamente
Espalhava uma doce claridade
No perfumado e tepido ambiente.

Unidos na mais santa intimidade,
Não ouvião sequer a furia ardente
Da rouca e desabrida tempestade!

SILVINO VIDAL.

Rio Grande—1880.



PANORAMA DE NAPOLES



.....
Parece que alli sorriem os céos e sorriem os mares.

A leste, as cristas nevadas dos Apenninos, desenhadas no firmamento de um azul purissimo, perdem-se e desvanecem-se no extremo horizonte.

Ao nordeste, a montanha volcanica do Vesuvio, rasgando-se em dous vertices distinctos, ostenta a sua fórma conica, a sua cratera fumegante, sua crusta movediça de cinzas, as suas

lavas e escorias agglomeradas, onde a luz se decompõe em matizes verdadeiramente magicos.

Desde o morro do Vesuvio até ao cabo Campanella, sobre collinas verdejantes, á beira de um mar celeste, entre loureiros e myrtos, á sombra dos olivedos e laranjaes, reclinão-se docemente Castellamare e Sorrento, brancas como pombas.

Na curva central deste grande amphitheatro apparecem, primeiro as ruinas solitarias de Pompéia e depois as povoações animadas de Portici, Resina, Torre del Greco, rodeadas todas de floridos jardins e maravilhosas quintas, por leguas de leguas.

Sob os nossos olhos, a casaria immensa de Napoles alveja, como uma rocha alabastrina levemente mesclada de sombras, que lhe realção os cortes angulosos, e estende-se symetricamente no vasto recosto da bahia.

Esta, de um celeste quasi indescrível, sensível ao menor cambiante da luz, e ao mais leve movimento do ar, ora se escurece em verde profundo, como immensa esmeralda, ora se aclara em branco-perola, jaspeado de rosa, como gigantesca opala.

Ao oeste, a gruta de Pausilippo rematada pelo tumulo de Virgilio, atravessa a alcantilada montanha, que mergulhando no mar, fecha a cidade como uma insuperavel barreira.

Mais para o oeste as fresquissimas praias de Pozzuoli, os deliciosos outeiros de Baias, a planura irregular de Cumas, as extinctas crateras de Solfatara e de Astroni, o lago Agnano, o poetico cabo Miseno, o divino Mediterraneo, e por fim a pittoresca e celeberrima Capri completão a esplendidissima paisagem.

O sol, das alturas do céu, fulgurante de luz, contempla em toda a sua magnificencia estas irradiações do seu influxo; porque se algures o bello astro merece cultos divinos, quaes lh'os offerecerão os Incas, por meio das suas Vestaes, é ali, naquella incomparavel terra de Napoles, eterna musa da inspiração e da arte, eden perenne do esplendor e da vida, da fecundidade e da opulencia, das paixões e delicias.

.....
Que riqueza e profusão de colorido desde o azul claro da bahia até o violeta escuro do Vesuvio!

Em parte alguma a luz offerece refrações mais variadas, e a terra apresenta opposições mais bellas.

E se a formosura está na variedade dos contrastes, é este o ponto mais formoso da terra.

Aqui se encontrão agrestes montanhas e amenos vergeis; cuspides de neve nas longiquas cordilheiras dos Abbruzzos e cuspides de fogo nas proximas gargantas do Vesuvio; em cima grinaldas de pampanos e em baixo coroas de algas; de uma parte o camponez recolhendo em cestos de vime as laranjas, da outra parte o bateleiro recolhendo em canastreis de esparto o pescado; a escura oliveira no campo e a branca vela no mar; as rosas e os jasmims na floresta e as conchas e os caramujos nas praias; a morte que se estampa nas ruinas frias dos monumentos, e a vida que se produz na fragoa ardente dos volcões; cidades animadas e povoações desertas; a alegria das serenatas e das canções, e a tristeza melancolica dos sepulchros; aparos da civilisação junto ás delicias do campo; a esperanza do futuro e a recordação do passado; a caverna silenciosa e a onda sonora; os matizes mais bellos da luz, e os fogos mais caprichosos das sombras; os termos mais oppostos da historia e os contrastes mais bruscos da vida!

E.

Historia em tres capitulos

II

O meu visinho—dandy.

Dez annos são passados. Isaias
Tornou-se um *leopardo* de primeira:
Bigode de compridas, tesas guias,
Bem frisada e lustrosa cabelleira;
Tão airoso é no porte, que dirias,
O' leitor pachorrento, a bananeira;
Mesmo a trunfa que o casco lhe guarnece,
C'um cacho de bananas se parece.

Sempre á moda, e o rigor com que trajava,
Mettia n'um chinello aos mais janotas,
Quatro fraks por dia elle mudava,
Quatro calças tambem, e quatro botas!
De chapéos a mudança sempre andava
Ao sabor e a par das fatiotas...
O' leitor pachorrento! tu dirias
Ter loja de algibebe este Isaias.

Por fóra, elle era assim. Por dentro agora...
 Que vasio! que chaos! ai que cabeça!
 Valendo tres dobrões vista por fóra,
 Não valia por dentro meia peça!
 Incapaz de pensar por meia hora,
 Parecia ao sentir do mundo avessa!
 Tal era o meu heroe visto por dentro...
 Assim pudesse eu ver da terra o centro.

Mas mui cheio de si, mas mui contente,
 Gostava de mostrar-se em toda parte,
 Nos bailes a fazer rir toda gente,
 Que o via *espernear* sem regras d'arte.
 Chamavão-no o *Cupido*; certamente
 Sem agravo ao bastardo do deus Marte,
 De quem escravo era.. e de rigor,
 Não toma o escravo o nome do senhor?

Com effeito, Isaias tinha em tanto
 O seu *todo* e trajar de varias cores,
 Que julgava encontrar a cada canto
 Mulheres a morrer por si d'amores,
 « Oh! de certo eu inspiro um tal encanto,
 « Meu olhar manifesta uns taes ardores,
 Pensava o paspalhão « que ponho doudas
 « Quantas damas eu vejo! todas! todas!

« Entretanto, não caso. Qual historia!
 « Eu casar-me! isso tinha sua graça!
 « Se eu fosse a dar a todas essa gloria,
 « Enchia de mulheres uma praça!
 « Nos bailes é que é ver! .. Causa notoria!
 « São tantas a querer-me, a dar-me caça,
 « Que, nem bem comparando, em meus amores
 « Sou um urso entre vinte caçadores! »

Mas os factos provavão em contrario,
 As moças rião delle. Forte tolo!
 De que lhe serviria o vestuario,
 Quando o que lhe faltava era miolo?
 Do que vale ao máo drama um bom scenario?
 Mais parece o bolor que envolve um bolo!
 Tal era o que dizião do coitado
 Aquellas de quem cria ser amado.

Fôra o tempo correndo até que um dia
 Dera a morte co'o pai na sepultura;
 Morrendo o pobre velho inda sorria,
 Prelibando, do céo, certa a ventura
 De que o filho (era a phrase) *longe iria*.
 O' cegueira nascida da ternura!
 O' ternura! ó amor, a quanto obrigas,
 Que transformas em brancas as formigas!

O rapaz, morto o pai, de prompto achou-se
 Senhor dos patações que elle juntara.
 Pensou que *a vida é nada*, e consolou-se
 Gastando, a bom gastar, tudo que herdara.
 Neste empenho inda mais celebrisou-se,
 Comeu, bebeu, jogou, com sanha rara.
 « Longe irá » tinha o pai por vezes dito,
 E bem *longe* elle foi! Estava escripto!

Despejado o paterno mealheiro
 Em dois annos ou tres de *filistrias*,
 Não julguem que ficou menos vezeiro
 A's pompas do trajar este Isaias.
 Não senhores! « Mas como? sem dinheiro? »
 Dirá rindo o leitor. Oh não te rias,
 Que a resposta vou dar-t'a e de mão cheia...
 Quem não pode, o que faz? não trapaceia?
 Pois era o que fazia... Pois se achava
 Quem tudo lhe fiasse! Que admira

O continuo rigor com que trajava
 Depois que o seu peculio se extinguiu?
 E' que a todos, emfim, caloteava,
 Pregando aqui, ali, muita mentira...
 E nisto foi *tão longe*, tanto, tanto,
 Que devia uma vela a cada santo!

Mas eu não vou mais longe; e bem presumo
 Que a leitora boceja... e tem razão.
 Monotono rimar com que costume
 Massar-lhe a paciencia, não mais não.
 Eu podia ter dito-lhe, em resumo,
 Que o meu triste yisinho fôra então
 Um *peralta de conta*... mas que queres,
 Se na... lingua não cedo a tres mulheres?!

JUCA.

EXPEDIENTE

A' illustrada imprensa da capital e sul da provincia agradecemos o cavalheirismo com que nos recebeu.

* *

A' *Discussão* de Pelotas agradecemos, além das honrosas palavras com que nos distinguio, a remessa que nos fez de seus ultimos numeros.

* *

As pessoas que não quizerem aceitar esta publicação pódem devovel a á typographia do *Jornal do Commercio*.